

A Invenção do Caribe como Contracultura e a Revolução Cubana*

Dernival Venâncio Ramos

Resumo

Este trabalho procura explorar o impacto da Revolução Cubana na construção de uma identidade caribe como contracultura. Obras como os ensaios de Juan Bosch, C. L. R James e Eric Williams colocam a Revolução Cubana como um marco da histórica caribenha comparável à Revolução Haitiana. Estes dois marcos são compreendidos como momentos chaves para a compreensão de como a cultura caribenha se constrói como cultura de resistência à cultura imperial. Analiso este discurso como a construção de uma memória de resistência vinculada diretamente ao impacto da própria Revolução Cubana sobre a intelectualidade caribenha.

Palavras-chave: Caribe, Resistência, Revolução Cubana

Resumen

Éste trabajo procura explorar el impacto de la Revolución Cubana en la construcción de una identidad caribeña como contracultura. Obras como los ensayos de Juan Bosch, C.L. James y Eric Williams indican a la Revolución Cubana como un marco de la historia caribeña comparable a la Revolución Haitiana. Estos dos acontecimientos son considerados momentos claves para la comprensión de como la cultura caribeña se construye por sí misma como cultura de resistencia al pensamiento Imperial. Este discurso es analizado como la construcción de una

*Artigo recebido em janeiro e aprovado para publicação em abril de 2008

memoria de resistencia vinculada estrechamente al impacto de la Revolución Cubana entre los intelectuales.

Palabras Claves: Caribe, Resistencia, Revolución Cubana

Abstract

This work explores the impact of the Cuban Revolution on the construction of a Caribbean identity as a counterculture. Works like Juan Bosch, C. L. R. James and Eric Williams' essays discuss the Cuban Revolution as a landmark of the Caribbean history comparable to the Haitian Revolution. These two landmarks are considered key moments to understand how the Caribbean culture constructs itself as a culture of resistance to the imperial culture. This discourse is analysed with the construction of a memory of resistance linked straightly to the impact of the Cuban Revolution itself on the Caribbean intellectuals.

Keywords: Caribbean, Resistance, Cuban Revolution

A revolução cubana foi uma resposta caribenha a essa ameaça imperial que Próspero concebeu como uma missão civilizadora.
George Lamming, 1960.

Calibán: You taught me language, and my profit on't/ Is, I know how to curse: the red plague rid you/ For learning me your language!
Shakespeare

Nos inícios da década de 1960, o mar do Caribe se tornou uma dos lugares mais importantes do planeta. Depois da Revolução Cubana e da tentativa de invasão rapidamente rechaçada pelos cubanos em 1961, o serviço secreto norte-americano descobriu mísseis soviéticos posicionados em Cuba, pronto para serem lançados sobre os EUA, em outubro de 1962. A chamada crise dos mísseis foi um dos momentos que deu mais publicidade internacional ao Caribe. Talvez os trezes dias mais tensos da história. Alguns gostam de dizer que por pouco o mundo não foi “al carajo”. Benítez Rojo (1998) chega a dizer que nestes dias, ele tomou consciência, “el momento em que arribe a la edad de la razón” (1998, p. 25), da

identidade caribe: do ritmo e do ritual que permeia todo discurso e performance caribenha. *La isla que se repite* tem, assim, na crise dos mísseis um marco inicial.

De qualquer modo, desde a Revolução Cubana, em 1959, o Caribe e Cuba, se tornaram foco de atenção em grande parte do mundo. Nada parecido havia ocorrido ainda a uma revolução instaurando um Estado socialista a poucos quilômetros dos EUA. Depois da Revolução em Cuba, a independência de Jamaica e Trinidad-Tobago em 1962 e Guiana e Barbados em 1966, tiveram a importância de colocar o Caribe dentro da geografia mundial da resistência ao imperialismo e da descolonização.

As obras que examino brevemente a seguir enfatizam a importância da Revolução de Fidel Castro como marco histórico caribenho, bem como herdeira de movimentos como a Revolução Haitiana de 1804; representam, assim, o caribenho como contracultura. Definem o caribenho pela resistência ao projeto civilizador a que George Lamming faz referência. Por outro lado, e associado a “calibanização” do Caribe, se propõe, nestas mesmas obras, uma identidade Caribe transnacional.

A significação da revolução de Fidel Castro, para a geração de intelectuais das décadas de cinquenta, sessenta e setenta, pode ser medida, acredito, pelo aparecimento nos anos seguintes de três obras históricas sobre a história do Caribe que possuem um título semelhante: “De Colombo a Fidel Castro”, as duas primeiras, e a última de “De Toussaint L’Ouverture a Fidel Castro”, texto que serve de Apêndice à edição de 1980 do livro *Os jacobinos negros*, de C. L. R. James. Para aqueles que pensavam a partir das premissas de esquerda, de modo especial marxistas, como é o caso de García Márquez, Cuba se tornou algo como o futuro no presente dos demais países caribenhos e latino-americanos (Ver BOSCH, 1985).

A Revolução Cubana passou a representar a culminação de uma idéia de rebeldia intelectual e política que vinha sendo desenhada desde antes da Segunda Guerra Mundial em movimentos como o

Pan-africanismo e a Negritude, e que vinha se intensificando, como atestam obras como a de Edouard Glissant, depois de 1945. Pode-se resumir esta rebeldia, segundo Roberto Fernandez Retamar (2005), na atitude do “personaje-concepto” Calibán da peça a *Tempestade* de Shakespeare, de 1611. Estou falando da narrativa imperial sobre o Caribe que depois de *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe, teve maior ressonância¹ dentro dos intelectuais caribenhos. Calibán, o proprietário de uma ilha deserta, colonizada por Próspero, que lhe oferece a “língua” em troca de servidão; Calibán, rebelde indiferente, que responde a Próspero que o único proveito que concebe do fato de ter aprendido a sua língua é poder blasfemar contra ele. A identidade do intelectual como blasfemador é projetada, em diversas obras históricas e ficcionais, sobre todo o que se relacionasse com o Caribe e o caribenho. O caribenho como signo passa a significar o blasfemador, rebelde e resistente.

Se é possível encontrar textos como *Biografía del Caribe*, de 1948, do colombiano Germán Arciniegas, que relacionam o Caribe com a resistência indígena, com “índio bravo”, os intelectuais de depois de 1945, e de modo especial depois de 1959, se inclinam, como mostra Paget Henry (2000, p. 05), a relacionar Caliban e sua atitude rebelde com as populações negras. Isso devido, de modo especial, a mobilização de intelectuais negros em nível internacional. Personalidades políticas e literárias como Aime Cesaire, George Padmore, C. L. R. James, dentre outros. Por outro lado, estão a resistência haitiana à ocupação norte-americana e o “boom” da musica negra cubana na década de 1920; dois episódios que direcionaram o olhar de muitos intelectuais haitianos e caribenhos às culturas negras e aos movimentos negros como Negrismo, Negritude e Pan-africanismo.

O Negrismo cubano, a Negritude de Cesaire, o Pan-africanismo de Marcus Garvey² foram movimentos intelectuais que ocorreram de modo independente, mas que foram incluídos na memória de Caliban por C. L. R. James. Césaire, líder da Negritude, faz em 1968 uma releitura de *A Tempestade* de Shakespeare resituando os papéis de Próspero, Calibán e Ariel. Calibán é o negro,

Próspero, o branco euroamericano, e Ariel o mestiço traidor da causa negra. Essa reescrita da peça é um dos principais documentos da relação entre Calibán e a resistência cultural e política negra, no Caribe. Outro documento desta relação é o poema sobre Caliban que Kamau Brathwaite dedica a Cuba, 1969. Nele o poeta barbadiano, diz: “Em Havana, nessa manhã... Era dois de dezembro de mil novecentos e cinquenta e seis/Era primeiro de agosto de mil oitocentos e trinta e oito/Era doze de outubro de mil quatrocentos e noventa e dois/ Quantos estampidos, quantas revoluções?” (BRATHWAITE, 1969). Acredito que sua intenção é mais que latente colar na Revolução Cubana outras efemérides revolucionárias do Caribe. Esses dois poetas escrevem de modo a universalizar a contracultura revolucionária negra caribenha.

O texto *Calibán* de Roberto Fernandez Retamar, de 1971, bem como ensaios anteriores como o significativo “Cuba hasta Fidel Castro”, além, de outros trabalhos posteriores que retornam ao tema de Caliban como símbolo da contracultura caribenha, mostra que o ensaísta cubano inscreve para todo Caribe o que para Césaire é algo da cultura negra. Fernandez Retamar o chama de “Nuestro Símbolo”, sem se preocupar com uma relação racial ou étnica de Calibán e as culturas negras. Ele erige-o em símbolo da caribenidade como um todo.

Para além das particularidades de cada autor que reivindica a figura de Calibán, o que ocorre, tanto no ensaio-manifesto de Fernandez Retamar, nos ensaios históricos de Juan Bosch e James, quanto na monografia de Eric Williams, é a “calibanização” do Caribe e de sua história: a criação de uma memória de resistência, de uma contracultura. A reivindicação discursiva de um local de fala, a criação de uma política de posicionamento baseada na resistência ao imperialismo, que tem, para estes autores, na Revolução Cubana, como coloca Juan Bosch em 1969, um marco:

Al anochecer de ese día los invasores de Playa Girón eran impotentes para romper el cerco de las milicias cubanas (...) ese día caían en manos de las fuerzas cubanas los últimos grupos

de expedicionarios. *La batalla de Cuba había terminado, y con su final comenzaba en el Caribe una nueva época histórica.* La vieja frontera imperial, que había quedado rota para los imperios europeos en el siglo XIX y había sido reconstruida por los Estados Unidos en el siglo XX, quedaba deshecha definitivamente en Cuba el 19 de abril de 1961 (1985, p. 390, t II, grifos meus).

O penúltimo parágrafo desta obra que se propõe recontar a história de resistência ao imperialismo no Caribe, termina como uma espécie de previsão do futuro:

Con la nueva época se iniciaba una etapa de luchas más duras, más desenfrenadas. Pero la Historia enseñaba que todo lo que *había sucedido en un país del Caribe tendería a suceder en los demás*, y que cada acontecimiento importante estaba encadenado a uno anterior. Pues aunque en esa hermosa, rica y apasionante región del mundo hubiera pueblos que hablaban español, inglés, francés, holandés; aunque en unos predominaran los negros y los mestizos de blancos con negros y en otros los blancos y los mestizos de blancos y de indios, lo cierto y verdadera era, y seguirá siendo por largo tiempo, que el Caribe es una unidad histórica desde que llegó a sus aguas Cristóbal Colón hasta que Fidel Castro dijo, el día 19 de abril de 1961, en su cuarto comunicado de guerra: “Fuerzas de ejército rebelde y de las milicias nacionales revolucionarias tomaron pro asalto las últimas posiciones que las fuerzas... invasoras habían ocupado en el territorio nacional. Playa Girón, que fue el último punto de los mercenarios, cayó a las 5,30 de la tarde” (1985, p. 390, t II, grifos meus)

Os dois trechos citados demonstram a idéia de um tipo de simbolização da Revolução Cubana que a coloca como momento divisor de águas na história caribenha (“cada acontecimiento importante estaba encadenado a uno anterior”). Estes acontecimentos anteriores são as lutas contra os impérios que em

algum momento dominaram a região do mar do Caribe, e nesta genealogia da resistência entram tanto “bucaneros” e piratas da Ilha de Tortuga quanto os revolucionários haitianos. Ou seja, na voz de Fernandez Retamar, Juan Bosch, Eric Williams, não é apenas uma luta do homem negro caribenho, é uma luta de “todos”.

No caso de Bosch, Fernández Retamar, Williams e James essa luta é histórica, e está ligada não apenas a uma luta racializada entre negros escravos ou discriminados e brancos. Ela está relacionada a uma luta histórica mais ampla entre o Caribe e os diversos projetos imperiais que tentaram dominar a região do Caribe. Revolução Haitiana e Revolução Cubana seriam os dois pontos culminantes desta história.

O caso de Juan Bosch e Eric Williams é significativo deste movimento; mas acredito que é o exemplo de C. L. R. James que corrobora melhor esta hipótese. James se viu obrigado a escrever um “Apêndice” à última edição de *Os jacobinos negros* intitulado: “De Toussaint L’Ouverture a Fidel Castro”. James, como se sabe, foi um dos primeiros a enfatizar a caribenidade como resistência personalizada nas figuras dos revolucionários negros haitianos. James, contudo, no referido Apêndice, elabora uma lista de herdeiros dos jacobinos negros, lista que inclui Garvey, Padmore, Cesarie, Fernando Ortiz e Fidel Castro. O impacto da Revolução Cubana em Bosch, Williams, Fernandez Retamar e James foi semelhante. Ele, assim como aqueles dois autores, inscreveu-a como um marco histórico, para o Caribe, tão importante quanto a Revolução Haitiana.

Além destas obras que se apresentam como históricas, como é o caso do ensaio de Juan Bosch e de Fernandez Retamar, a monografia de Eric Williams e o Apêndice de James, existe uma dezena de outras narrativas, poemas e peças teatrais que narram eventos históricos como a chegada de Colombo, a Revolução Haitiana e a Revolução Cubana, dentre outros eventos históricos. No caso da Revolução Cubana, se destaca *La consagración de la primavera* de Alejo Carpentier, que também coloca, como Juan

Bosch, a luta da Playa Girón, como apoteose da criação de um novo mundo. Carpentier escreveu duas narrativas sobre a Revolução Haitiana, *El reino de este mundo*, de 1948, *El siglo de las luces* de 1962, um romance sobre a vida de Cristóvão Colombo, *El arpa e la sombra*, de 1980, bem como uma história da música em Cuba a partir da Revolução Haitiana, *La música en Cuba*, de 1946. Césaire escreveu uma peça sobre o rei Christophe, *La tragédie du Roi Christophe*, de 1963, e *Une tempête* em 1969. Edouard Glissant escreveu uma peça sobre Toussaint L'Ouverture, *Monsieur Toussaint*, em 1961. Benítez Rojo publicou em 1979, *El mar de las lentejas*, que fala sobre a implantação do sistema de plantação no Caribe por Colombo e sobre o início da pirataria por John Howkins.

Contudo, recuando um pouco no tempo, podemos perceber que existem algumas obras que antecipam a significação do caribenho como contracultura. Textos anteriores como *Le lezarde* (O Lagarto) de Edouard Glissant, de 1958, se estruturam a partir da idéia calibesca de resistência. O enredo está organizado em torno a um grupo de jovens de esquerda de uma ilha caribenha que se unem para matar o futuro chefe da polícia nomeado pela metrópole. Porém, os intelectuais não podem cometer o assassinato, ao que tudo indica apenas um homem ligado à terra pode fazê-lo. Buscam um camponês, Mathieu, para cometer o crime, e este o executa. Glissant faz questão de localizar temporalmente o enredo na pós-guerra, bem como de marcar “sua” presença dentro do texto, como narrador. Depois de cometido o crime, o líder do grupo lhe dá a incumbência de viajar até a capital da metrópole e divulgar por meio da literatura a rebelião contra a autoridade colonial e o assassinato ritual do colonizador. Além deste texto de Glissant, o livro de C. R. L. James, *Os jacobinos negros*, de 1938, que já foi comentado acima. Outra obra que pode ser citada é o poema de Césaire, *Cahier d'un retour au pays natal*, do mesmo ano.

A Revolução Cubana deu novo impulso à idéia de relacionar caribenidade e cultura de resistência porque ofereceu a esperança de que a luta revolucionária podia sair vitoriosa. Essas obras, assim,

realizam uma profunda reavaliação da história caribenha ao mesmo tempo que projetam um futuro revolucionário vitorioso para o Caribe. Ao fazerem isso, contudo, constroem menos uma história do que o que chamo de memória de resistência ou o Caribe como contracultura. Elas estão centradas na idéia a que George Lamming faz referencia: a luta revolucionaria contra os projetos civilizadores ocidentais no Caribe.

A força desta construção discursiva pode-se perceber no fato dela transcender o discurso historiográfico ou ensaístico; sua presença tanto no discurso de quem se assume como historiador, o caso Eric Williams, C. R. L. James e Juan Bosch³, quanto em textos ficcionais e ensaísticos como os de Fernandez Retamar, reafirmam este argumento. Autores como Césaire, Carpentier, Glissant, Benítez Rojo, etc., escrevem ficção a partir dos mesmos parâmetros e intenções discursivos. Suas obras se colocam como memória e como história⁴. A memória e a história da resistência e da rebeldia calibanesca, como já disse, frente ao projeto colonizador representado por Próspero.

Acredito que os elementos que enumero e a hipótese que defendo completam teses consagradas com a que defende Antonio Gaztambide-Géigel (1996). Relacionado à construção de uma identidade transnacional para o Caribe está a construção do caribenho como contracultura, como blasfêmia e resistência aos projetos civilizadores ocidentais. O fato destas narrativas, quase sempre, inscreverem uma identidade transnacional para a região caribenha está relacionada ao que Paul Gilroy (2001) chamou de política de posicionamento.

Na década de 1960, a idéia de caribenidade está intimamente ligada à contracultura e à Revolução Cubana. Obras como *El siglo de las luces*, de Carpentier, publicado em 1962, *From Columbus to Castro. The History of the Caribbean (1492-1969)* de Eric Williams, publicado em 1970, *Calibán* de Roberto Fernandez Retamar, publicado em 1971, e o pequeno Apêndice de C. R. L. James, “De Toussaint L’ouverture a Fidel Castro”, de 1966⁵

mostram a importância da revolução para o pensamento caribenho. Ao menos até 1971, quando ocorre o caso Padilla, e houve o primeiro racha entre intelectuais caribenhos e latino-americanos com a Revolução Cubana, significativamente García Márquez foi um dos únicos a não abandonarem seu posicionamento a favor da Revolução, valia o argumento de Fernandez Retamar: “Y es que el colonizador es quien nos unifica, quien hace ver nuestras similitudes profundas más Allá de accesorias diferencias” (FERNANDES RETAMAR, 2005, p.25). A caribenidade é resistência, contracultura.

Enfim, a construção da caribenidade como contracultura esteve, no anos de 1960, ligada ao impacto da Revolução Cubana na intelectualidade regional, reforçando a relação entre caribenidade e resistência, que já existia em obras como *Le lezarde* de Edouard Glissant, de 1956, *Los passos perdidos* de Carpentier, de 1953, e etc. A década de 1960 tem início, no Caribe, em 1959 e termina em 1971. Para parafrasear um historiador contemporâneo⁶, ela foi a longa década de sessenta.

Notas

1 Roberto Fernández Retamar (2005) fez uma história do uso do que ele chama de Calibán como “personagem-conceito”, e pela sua listagem, Calibán é uma recorrência caribenha até o momento em que escreveu, em 1971. Poderia-se agregar a esta lista, obras como *Caliban's reason* de Paget Henry ou as simbolizações calibanescas em García Márquez. No que diz respeito ao uso de outros personagens como Ariel e Próspero, fora Rodó e o mais recente, *Espelho de Próspero* do norte-americano Richard Morse, a lista de uso deste “personagens-conceito” é realmente recorrente dentro do mundo intelectual latino-americano, e dentro das obras que tratam do mundo latino-americano e caribenho.

2 Em Cuba, em 1928, Alejo Carpentier lança *Ecuê-yamba-ô* um dos textos fundamentais do Negritismo cubano. Este livro ao lado das publicações de Fernando Ortiz, Lidya Cabrera, e a poesia de Guillén, colocam o negro no centro da vida intelectual de Cuba, como vinha ocorrendo no Haiti. No caso de Cuba, isso está ligado à divulgação da música negra na era do rádio; no Haiti, se relacionou à resistência camponesa à ocupação norte-americana na década de 1910. Em 1921, o Pan-africanismo de Marcus Garvey, enquanto movimento político internacional, pregando o retorno à África dos negros caribenhos e americanos. O jornal *Mundo Negro* teve grande ressonância na África, e ajudou muitos movimentos de resistência

africana a se estruturar ideologicamente em torno do que viria a ser chamado de “Negritude”. Segundo James (2000), Garvey redefiniu o lugar da África na consciência pública mundial.

Nos anos de 1930, a atuação de George Padmore nos quadros do comunismo pela independência africana deu grande visibilidade a causa negra no mundo inteiro. Ao lado de Padmore, obras como os *Jacobinos negros* de James, em 1939, e o *Cahier d'un retour au pays natal* (Carderno de um retorno ao país natal) de Césaire, em 1938, sistematizaram as idéias e símbolos da geração de intelectuais negros em torno da luta anti-imperial. No caso de Césaire, ele ergue um monumento poético filosófico em favor da identidade negra no mundo. Negro que mais tarde, em 1969, ele identificará com Calibán em sua peça *Une Tempête*. Segundo o próprio James (2000), Césaire estava pensando na grandeza do povo negro e na emancipação africana. Ele queria mudar a idéia de que “qualquer coisa que viesse da África era inerentemente inferior e degradada” (JAMES, 2000, p. 356). Neste sentido, o que Césaire faz é colocar a África definitivamente como horizonte identitário caribenho. Nos trinta anos que separam o *Cahier d'un retour au pays natal* de *Une Tempête*, ocorreu uma mudança intelectual profunda em suas obras. Em 1969, é o negro caribenho que lhe interessa, e não mais o negro como entidade como no poema de 1939. O negro como rebelde, como os jacobinos da obra de James, como Calibán.

3 Juan Bosch está na fronteira entre discurso histórico e literário. Ele era tanto historiador quanto romancista. Mas se destacou mais por seus ensaios históricos que por seus romances.

4 Na verdade, se pode localizar este interesse pelos narradores caribenhos pela história em outros autores como Wilson Harris, V. S. Naipaul, Marise Condé, Chamoiseau, etc. Enfoco aqueles que estão mais diretamente ligados à Revolução Cubana e a criação de uma memória da resistência porque é neste grupo que se insere García Márquez, Fanny Buitrago e Manuel Zapata Olivella.

5 Segundo o editor brasileiro de James, este artigo, que serve de Apêndice à edição brasileira, foi escrito em 1966 como posfácio a *Jacobinos negros*.

6 Estou me referido a Eric Hobsbawm em sua *Era dos extremos*, 1995.

Bibliografia.

- ARCINIEGAS, Germán. *Biografía del Caribe*. San José: Libro Libre, 1986.
- BENÍTEZ ROJO, Antonio. *La isla que se repite*. Barcelona: Editorial CASIOPEA, 1998.
- BENÍTEZ ROJO, Antonio. *El mar de las lentejas*. Barcelona: Plaza y Janes, 1985.
- BOSCH, Juan. *De Cristóbal Colón a Fidel Castro. El Caribe fronteira imperial*. Volume 1 e 2. Madri: Sarpe, 1985.

- CABRERA, OLGA. “A literatura e a filosofia da contracultura caribenha em Alejo Carpentier”. *Cenários Caribenhos*. Brasília: Editora Paralelo, 2003, p. 32-48.
- CARPENTIER, Alejo. *Écue-yamba-ó*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- CARPENTIER, Alejo. *El siglo de las luces*. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1985.
- CARPENTIER, Alejo. *La música en Cuba*. Madri: Siglo Veinte Editores, 1987.
- CARPENTIER, Alejo. *Los pasos perdidos*. Madri: Catreda, 1985.
- CÉSARIE, Aime. *Cuaderno de un retorno al país natal*. México: Editorial ERA, 1969.
- CÉSARIE, Aime. *La tragedia del Rey Christophe y Una Tempestad*. Barcelona: Barral Editores, 1972.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Traducción de Julio Cortazar. Barcelona: Mandadori, 2006.
- FERNÁNDES RETAMAR, Roberto. *Todo Calibán*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- GAZTAMBIDE-GÉIGEL, Antonio. “La invención del Caribe en el XX. Las definiciones del Caribe como problema histórico e metodológico”. *Revista Mexicana Del Caribe*. Ano I, número 01, Chetumal: Quintana Roo, 1996.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34/Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.
- GLISSANT, Edouard. *Tratado del todo-mundo*. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2006.
- GLISSANT, Edouard. *Sol de la conciencia*. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2004.
- GLISSANT, Edouard. *Introducción a una poética de lo diverso*. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2002.
- GLISSANT, Edouard. *El lagarto*. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2001.
- GLISSANT, Edouard. *Poetics of relations*. Ann Arbor: University of Michigan, 1997.
- GLISSANT, Edouard. *Faulkner, Mississippi*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- GLISSANT, Edouard. *Caribbean discourse*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1989.
- HENRY, Paget. *Caliban's reason*. Nova York: Routledge, 2000.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JAMES, C. L. R. “De Toussaint L'Ouverture a Fidel Castro”. *Os jacobinos negros*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- LAMMING, George. *The Pleasures of Exile*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1992.

- MORSE, Richard. *Espelho de Próspero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. Brasília: Editora da UnB, s/d.
- SHAKESPEARE, William. *The tempest*. London: Penguin, s/d.
- TORRES-SAILLANT, Silvio. *An Intellectual History of the Caribbean*. Nova York: Palgrave, 2006.
- TORRES-SAILLANT, Silvio. *Caribbean Poetics. Toward and Aesthetics of West Indian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- WILLIAMS, Eric. *From Columbus to Castro: The history of the Caribbean (1492-1969)*. New York: Vintage Books, 1970.